



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PDL 0106/2019

Luiz Gama nasceu em Salvador, a 1830, filho de uma negra livre, Luíza Mahin, e de um fidalgo de origem portuguesa. Sua mãe participou de todas as revoltas negras de Salvador no início do século XIX. Em 1837, depois da tentativa de proclamar a "República Bahiense" na revolta conhecida como Sabinada - por ter sido liderada pelo médico Francisco Sabino Vieira -, ela teve que fugir para não ser presa e provavelmente morta. Deixou o filho com o pai e foi para o Rio de Janeiro; alguns anos depois, seu pai o vendeu como escravo o filho que havia completado 10 anos de idade para pagar dívidas de jogo.

Levado a São Paulo pelo traficante de escravos, ele não foi comprado por ninguém, já que, por baiano que era, induziria, sob a perspectiva dos senhores paulistas, outras rebeliões - uma vez que na Bahia houve, naqueles meados do século XIX, muitas revoltas contra a escravidão. Assim, por defender idéias libertárias, continuou sendo escravo do próprio traficante.

Luiz Gama aprendeu a ler e escrever com um estudante de Campinas em cuja casa em São Paulo passou a ser escrevo - mais tarde, conseguiu provar na Justiça que era um homem livre, não podia ser escravizado. Depois, então, leu toda a biblioteca jurídica de um desembargador com quem foi trabalhar e tornou-se um grande conhecedor das leis, tornando-se rábula e se dedicando à libertação de escravos: libertou mais de quinhentos negros. Foi também poeta e jornalista, sempre militando contra o escravismo.

Morreu seis anos antes da Lei Áurea, a 1882, e, desde 2014, nomeia uma sala de aula da mais tradicional Faculdade de Direito do país, o Largo São Francisco, onde, no século XIX, já fora expulso por, sendo negro - ainda que liberto -, assistir às aulas. Escreveu uma vez: "Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade"

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 11/10/2019, p. 97

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br